

A vibrant, stylized illustration of a Japanese bookstore at night. The building is made of wood and has a balcony where a person is reading. A large red banner with white and yellow text is in the center. The storefront is lit up, showing bookshelves, a person, and a cat. A tree with lights is on the right, and a bicycle is in the foreground. Various signs and details like a 'HOT' sign and a '10% discount' sign are visible.

Satoshi Yagisawa  
Uma noite na  
livraria Morisaki

森崎書店

森崎書店

10%引

Satoshi Yagisawa  
Uma noite na  
livraria Morisaki

1ª edição

**BB**  
**BERTRAND BRASIL**  
Rio de Janeiro | 2024



---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S266n

Satoshi, Yagisawa

Uma noite na livraria Morisaki [recurso eletrônico] / Satoshi Yagisawa ; tradução Tomoko Kimura Gaudioso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2024.

recurso digital

Tradução de: 続・森崎書店の日々

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-318-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção japonesa. 2. Livros eletrônicos. I. Gaudioso, Tomoko Kimura. II.

24-89173

CDD: 895.63  
CDU: 82-3(520)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

---

森崎書店の日々(MORISAKI SHOTEN NO HIBI) by Satoshi YAGISAWA

Copyright © Satoshi Yagisawa, 2010

Edição original japonesa publicada por SHOGAKUKAN.

Edição brasileira por acordo com SHOGAKUKAN, através da EMILY BOOKS AGENCY LTD. E da CASANOVAS & LYNCH LITERARY AGENCY S.L.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 3º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Seja um leitor preferencial.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



# SUMÁRIO

Capítulo 1  
Capítulo 2  
Capítulo 3  
Capítulo 4  
Capítulo 5  
Capítulo 6  
Capítulo 7  
Capítulo 8  
Capítulo 9  
Capítulo 10  
Capítulo 11  
Capítulo 12  
Capítulo 13  
Capítulo 14  
Capítulo 15  
Capítulo 16

# 1



Quando eu estava de folga, aproveitava para caminhar tranquilamente pelas ruas por onde costumava passar nos dias de trabalho. Era uma linda tarde de outono, o mês de outubro tinha um calor gostoso e o ar estava sereno. Pude sentir a minha pele ligeiramente suada sob o cachecol fino que estava usando no pescoço. Mesmo nos dias de semana, as pessoas caminhavam pelas ruas do bairro com passos tranquilos. Às vezes, paravam e desapareciam silenciosamente, como se tivessem sido sugadas para dentro das livrarias.

O bairro de Jinbôchô, em Tóquio, era um tanto incomum: a maioria dos estabelecimentos era de livrarias. Cada loja de livros usados naquele bairro oferecia uma seleção singular, como livros de arte, roteiros de peças teatrais, livros de história e filosofia; e itens raros, como tomos japoneses tradicionais e mapas antigos — todos únicos à sua maneira. No total, havia mais de cento e setenta livrarias. De fato, a visão de uma rua repleta de livrarias era um espetáculo a ser admirado.

Embora do outro lado da avenida fosse um distrito tomado por prédios cheios de escritórios, aquele bairro era repleto de edifícios peculiares e distintos, imunes à agitação da área vizinha. A atmosfera era tranquila, como se o lugar existisse em outra dimensão temporal. Assim, uma simples caminhada descompromissada muitas vezes fazia o tempo passar num piscar de olhos.

Eu estava seguindo para uma daquelas esquinas. Meu destino ficava logo

adiante, após virar em uma rua lateral já dava para ver: uma livraria especializada em literatura japonesa moderna chamada Morisaki.

— Ei, Takako-chan. Por aqui!

Quando virei a esquina, ouvi uma voz entusiasmada chamando o meu nome. Deparei-me com um homem baixo, de meia-idade, com óculos de armação preta, acenando exageradamente para mim.

— O que foi que conversamos por telefone? Que você não precisava me esperar. Não sou mais uma criança — protestei em voz baixa.

Ele sempre agia assim, me tratando como uma criança, mas agora eu já era uma mulher de vinte e oito anos. Era embaraçoso demais ser chamada em voz alta no meio da avenida.

— Como você demorou a chegar, fiquei preocupado. Pensei que pudesse ter se perdido pelo caminho.

— Mesmo assim, não precisava ficar me esperando na frente da loja. Já vim aqui dezenas de vezes, como eu poderia me perder?

— Pois é. Bem, isso é verdade, mas, Takako, como você é um pouco desligada...

Fiquei muito revoltada com aquele comentário e revidei energicamente:

— Desligado é você, tio! Você deveria se olhar no espelho. Vai se deparar com a imagem de um cara de meia-idade todo desleixado olhando de volta!

Ele se chamava Satoru Morisaki. Era meu tio por parte de mãe e representava a terceira geração de proprietários da livraria Morisaki. O prédio original, construído por seu avô no Período Taishô, antes de 1925, já não existia mais, e dizem que o prédio da atual livraria Morisaki foi construído cerca de quarenta anos atrás. O tio Satoru tinha uma aparência um tanto esquisita. Ele usava roupas surradas e chinelo slide, e vivia descabelado, como se nunca se penteasse. Além disso, interagira sempre de modo estranho, dizendo tudo o que pensava, como uma criança. Mesmo assim, em um bairro especial como Jinbôchô, sua aparência e personalidade excêntricas pareciam funcionar inexplicavelmente bem. Na verdade, ele era querido por todos, e era difícil encontrar alguém que não o conhecesse.

A livraria Morisaki era um antigo prédio de madeira de dois andares e tinha a

aparência de um sebo. Seu interior era estreito e mal comportava cinco clientes por vez. Os livros que não cabiam nas prateleiras empilhavam-se sobre elas, ao longo das paredes e até mesmo atrás do balcão do caixa. Um cheiro de mofo característico de livros velhos tomava conta do lugar. As prateleiras estavam abarrotadas de livros baratos, com preços entre cem e quinhentos ienes, mas também havia as raridades, como primeiras edições de autores famosos.

Desde a geração do meu avô, o número de pessoas que procuravam livros usados havia diminuído, e ouvi dizer que a livraria passou por momentos difíceis. O que a manteve de pé foram os clientes fiéis que amavam a loja e sempre voltavam.

## §

Visitei a livraria Morisaki pela primeira vez três anos antes. Naquela época, o meu tio me deixou morar em um quarto vazio no andar de cima da loja e até disse que eu poderia ficar ali o tempo que quisesse.

Eu ainda me lembrava muito bem dos dias que havia vivido lá. Naquela época, agora me dou conta, eu me desesperava por motivos totalmente insignificantes. No início, descontava toda a minha frustração no meu tio e, às vezes, me trancava no quarto e chorava sozinha, me sentindo a mocinha de uma tragédia. Mesmo assim, meu tio foi paciente e me deu muito carinho e incentivo. Ele me ensinou que a leitura pode ser uma experiência avassaladora e que uma das coisas mais importantes da vida é enfrentar os próprios sentimentos.

Lógico que foi o meu tio quem me ensinou sobre o bairro de Jinbôchô. Na primeira vez que estive ali, fiquei perplexa com as livrarias enfileiradas lado a lado pelas ruas, e foi quando ele me disse: “Este bairro foi e é amado por gigantes da literatura há muito tempo, e é o melhor bairro de livrarias do mundo inteiro.”

Meu tio dizia aquilo envaidecido, como se estivesse se gabando. Naquele momento, sendo bem sincera, eu não tinha ideia do que ele estava falando nem entendia por que aquilo era motivo de orgulho. Mas agora, depois daqueles

dias, eu compreendia o que meu tio queria dizer. Sim, aquele era um bairro peculiar e único, empolgante e fascinante.

— Ei, o que vocês dois estão fazendo aí?

Depois de um tempo discutindo em frente à livraria, uma voz alta ressoou lá de dentro. Eu me virei e me deparei com uma mulher de cabelos curtos sentada próximo ao balcão, nos encarando. Era tia Momoko.

— Qual é o problema? Entrem logo! — Ela parecia impaciente e estava claramente entediada por ficar sozinha ali.

A tia Momoko era a esposa do Satoru. Ela tinha uma personalidade franca e direta e parecia muito mais jovem que o meu tio, embora tivessem quase a mesma idade. Diante dela, até mesmo o meu tio costumava se portar como um cão adestrado e dócil. Ele só ficava assim na presença da minha tia.

Por cinco anos, Momoko vivera afastada do meu tio por razões pessoais, mas voltara para ele havia algum tempo. A partir daí, ela assumiu a administração da loja ao lado dele.

— Então, Takako-chan, como tem estado? — perguntou ela, sorrindo para mim.

Momoko tinha uma postura elegante e, mesmo combinando apenas um suéter com uma saia longa, mostrava-se graciosa, provocando em mim certa inveja, mesmo que eu sequer cogitasse chegar ao nível dela nesse quesito.

— Tudo bem. O trabalho também está indo bem. E você, tia, como está?

— Estou ótima! — Tia Momoko exibiu os bíceps em uma imitação do Popeye.

— Que coisa boa!

Fiquei bastante aliviada ao ouvir aquilo. Ela havia adoecido gravemente alguns anos atrás e ainda estava em observação. Meu tio também se preocupava com a saúde da esposa, demonstrando até mesmo um zelo excessivo, a ponto de ser chato.

— Tenho *daijuku*, bolinho de arroz com recheio de feijão doce, você quer?

— Hum, quero.

Depois que a tia Momoko desapareceu no fundo da loja, o meu tio reclamou em voz baixa:

— Quando a Momoko está na loja, fico um pouco desconfortável. Eu me sinto mais livre quando estou sozinho.

— Mas você também se sente muito solitário, né? — retruquei.

De imediato, fui rebatida com uma resposta até um pouco infantil:

— Não diga besteira. Se ela ficar aqui pelo balcão, onde vou ficar? Ultimamente, tenho andado pra lá e pra cá como um cão de guarda.

— É por isso que você estava na frente da loja?

— Vou deixar que você adivinhe. — Ele disse aquilo pateticamente e sussurrou no meu ouvido. — Mudando de assunto, Takako-chan...

— O que foi?

— Consegui uma mercadoria interessante em um leilão outro dia. Ainda não a coloquei na prateleira para vender, mas você pode dar uma olhada em primeira mão.

Ele disse aquilo, mas a verdade era que estava ansioso para me mostrar o exemplar. Já influenciada pela obsessão do meu tio pelos livros, também fiquei empolgada com as palavras dele. Eu sempre me perguntava se aquilo estava no meu sangue. A razão pela qual eu visitava a loja com frequência, especialmente nos meus dias de folga, era porque queria ver os livros.

— Quero ver! — exclamei.

Tia Momoko olhou para mim e para o meu tio, estupefata, e retrucou, com a chaleira na mão:

— Como assim? Acabei de preparar o chá.

— Esta é uma livraria. O que você vai fazer senão ver os livros? Não é mesmo, Takako? — disse meu tio com firmeza.

— Sim, sim. É isso mesmo — concordei com meu tio, sorrindo.

Ela lançou um olhar furioso para nós dois e resmungou:

— Detesto vocês.

Aquela era a minha amada livraria, a livraria Morisaki. Desde aqueles dias, ela passou a fazer parte da minha vida cotidiana. Havia muitas pequenas e modestas histórias guardadas ali. Por isso, eu nunca deixaria de visitar aquele lugar.

## 2



A livraria Morisaki era especializada em literatura japonesa moderna.

Havia também romances contemporâneos, mas eles se resumiam aos expostos na seção de cem ienes, posicionada na entrada da loja. Do lado de dentro havia basicamente as obras literárias do Período Meiji até o início do Período Shôwa, antes da Segunda Guerra Mundial (era por isso que a loja estava tomada pelo cheiro de mofo, mas não havia nada que pudéssemos fazer quanto a isso). Talvez, por lidar com livros tão especiais, muitos dos clientes também eram excêntricos. Agora eu já estava acostumada, mas no início tinha ficado bastante surpresa.

E também não significava que lidar com eles fosse difícil. Pelo contrário, a maioria daqueles clientes não causava problemas. Eles eram apenas um pouco “diferentes”, só isso. Em geral, eram quietos, ficavam compenetrados na busca por livros e depois iam embora. A maioria era composta por homens de idade mais avançada, e eles vinham sempre sozinhos. Como eu não era capaz de imaginar a vida cotidiana deles, me convenceria facilmente se alguém dissesse que eram criaturas místicas inofensivas. Era o tipo de energia que exalavam.

Sempre que eu ia ali, ficava preocupada se eles ainda frequentavam a loja. Mesmo que não tivéssemos tanta intimidade, eu torcia para que eles estivessem bem. Compartilhávamos o amor pela livraria, o que os tornava simpáticos para mim. Além disso, como eram quase todos idosos, eu me preocupava com a

saúde deles. Quando um cliente conhecido entrava na loja enquanto eu estava ajudando, me sentia secretamente aliviada por ele aparentar estar bem.

Entre todas as pessoas excêntricas, era com o Velhinho das Sacolas de Papel que aparecia todos os dias na loja que eu mais me preocupava na época em que morava no andar de cima da livraria. Como o nome já dizia, o Velhinho das Sacolas de Papel sempre chegava com uma sacola de papel toda amassada em cada mão. Às vezes, as sacolas eram de lojas de departamento, outras, de grandes livrarias, como a Sanseidô. Ao que parecia, ele visitava algumas livrarias primeiro, porque as sacolas geralmente já estavam cheias de livros usados quando ele chegava à loja. Elas aparentavam estar bastante pesadas para os braços magros dele. O Velhinho das Sacolas de Papel também usava sempre um suéter cinza-escuro por cima da camisa social.

Aquilo por si só não pareceria tão estranho, mas o problema estava no suéter cinza-escuro; era tão esfarrapado que parecia um milagre que a peça ainda pudesse ser usada. Ele não estava sujo; na verdade, ele até parecia limpo, apenas o suéter tinha uma aparência deplorável, como se tivesse sido escavado de um sítio arqueológico.

Quando o vi pela primeira vez, foi um grande choque. Em diversas ocasiões espiei o velhinho na loja, enquanto ele escolhia silenciosamente os livros, e muitas vezes ficava com vontade de gritar: “O senhor precisa comprar roupas novas em vez de livros!” No entanto, alheio aos meus pensamentos, ele comprou cerca de dez livros, colocou-os em uma das sacolas de papel e saiu da loja sem dizer uma palavra.

A partir de então, eu não conseguia tirar os olhos do velhinho sempre que ele dava as caras. Às vezes, ele aparecia várias vezes na mesma semana, mas também sumia por um mês ou mais, sempre com a mesma vestimenta. Em ambas as mãos, ele sempre trazia uma sacola de papel cheia de livros. Às vezes, fazia uma compra no valor de algumas dezenas de milhares de ienes somente na livraria Morisaki, enquanto seu suéter ficava cada vez mais esfarrapado. Aquilo me intrigava muito, mas eu nunca tinha coragem para falar com o velhinho, apenas o seguia com os olhos, em silêncio, conforme ele ia embora. Um dia, resolvi perguntar ao meu tio:

— Ele compra uma grande quantidade de livros com muita frequência. Será que ele tem uma loja de livros usados em algum outro lugar do bairro?

Ele me respondeu, confiante:

— Não é para a revenda. É para ele mesmo.

— Então, tio, você consegue mesmo distinguir a diferença entre os clientes que são leitores e os que são comerciantes?

— Claro que sim. Quando você faz esse trabalho por tanto tempo, acaba entendendo certas coisas, querendo ou não.

Será que era assim mesmo? Eu mal conseguia perceber a diferença. A propósito, quando um novo cliente entrava na loja, meu tio conseguia saber, só de olhar, se ele estava ali para comprar livros ou porque encontrou o lugar despreziosamente durante um passeio. Aquilo se chamava “intuição de longa data”, disse ele.

— Então — falei toda curiosa —, o que aquele velhinho faz? Você sabe com o que ele trabalha? Acha que ele gasta tudo em livros e acaba não sobrando dinheiro para comprar roupas?

— Pare com isso — disse o meu tio como se estivesse repreendendo uma criança. — Não faça suposições desnecessárias sobre os clientes desse jeito. Uma livraria só existe para vender livros para pessoas que precisam de livros. Não devemos nos preocupar com o tipo de trabalho que elas desempenham nem com a vida que levam. Além disso, aquele velhinho não se sentiria bem se soubesse que os livreiros estavam se intrometendo em seus assuntos particulares.

A opinião do meu tio era convincente, e muito honesta enquanto pessoa que lida com clientes, e tive de admitir que ele estava com a razão. Embora geralmente fosse um pouco desleixado, meu tio sabia dizer a coisa certa quando era preciso. Em momentos como aquele, eu o admirava.

E, assim, a identidade daquele velhinho permanecia uma incógnita para mim.

Em muitos casos, aqueles clientes excêntricos possuíam as próprias razões para procurar livros. Fiquei impressionada ao saber que havia muitos motivos diferentes que impulsionavam as pessoas a buscar livros velhos. Por exemplo, havia pessoas que colecionavam livros raros, de todas as épocas e todos os gêneros, com o único propósito de colecioná-los. Inclusive, quando um sujeito desses, muito conhecido por essa prática, apareceu na loja e saiu insatisfeito com os nossos livros, praguejando “Não importa que seja uma obra-prima; se não for um volume raro, é um livro ruim”, fiquei perplexa, me sentindo frustrada.

Havia também os chamados “sedori”, revendedores de livros que faziam negócio comprando e revendendo livros usados — ou seja, adquirindo livros valiosos por um preço mais baixo e revendendo-os a outro sebo, lucrando com a diferença. Eles provavelmente nem liam os livros, nem se importavam com a qualidade. Havia, ainda, outras pessoas que iam atrás de ilustrações de artistas desconhecidos com base nas poucas informações que tinham, sem se importar com a obra em si. Além disso, havia pessoas que só compravam exemplares da primeira tiragem apenas porque queriam colocar as primeiras edições nas suas prateleiras.

Mas o caso mais curioso de todos foi o do velhinho que apareceu na loja no fim do dia, foi direto para a prateleira dos fundos — onde ficavam os títulos mais caros — e pegou os livros um a um, verificando o colofão (ou seja, as informações de produção do livro que ficam na última página) e depois os colocando de volta. Às vezes, ele parava e olhava fixamente para um ponto no colofão, balançando a cabeça em concordância com algo, ou exibia um sorriso. Para ser sincera, fiquei bastante assustada. Por fim, o velhinho, depois de inspecionar todos os livros da prateleira, saiu da loja irritado. Peguei o meu tio pela manga e perguntei o que ele tinha ido fazer ali.

— Ah, ele estava olhando os carimbos — respondeu ele sem tirar os olhos do caderno de controle de vendas, como se aquilo fosse algo normal. — É um colecionador de carimbos. Raramente vem à loja, mas é muito famoso por aqui. Acho que o nome dele é Nozaki.

— Um colecionador de carimbos? — questionei, inclinando a cabeça ao

ouvir aquele termo desconhecido.

— Isso mesmo. É alguém que coleciona a imagem que é estampada no colofão de um livro.

Meu tio pegou um de seus livros encadernados bem antigos e me mostrou a última página. Era o *Declínio de um homem*, de Dazai Osamu. Na última página aparecia o carimbo estampado com “Dazai” em vermelho, no lado esquerdo do colofão. Meu tio explicou que, antigamente, os livros eram montados praticamente de forma artesanal, e, para certificar que o autor autorizara a publicação e o número da tiragem, um carimbo era adicionado. Geralmente, os autores usavam apenas o sobrenome no carimbo, como naquele livro, mas alguns carimbos eram adornados com designs elaborados como decoração.

Isso posto, o idoso parecia estar procurando aquele carimbo. Eu sequer havia prestado atenção à existência de tais carimbos até que o meu tio me falasse sobre eles naquele momento. Mas, afinal, para que ele o queria? Será que ele recortava o carimbo, o colava num álbum feito uma coleção de selos e ficava olhando para ele noite após noite com cara de contente?

— Bem, é possível — disse o meu tio como se aquilo fosse natural e continuou: — Acho que algumas pessoas os colecionam junto dos livros porque não querem cortar a página.

— Ah, não, isso é coisa de maníaco.

Neste mundo tão plural há pessoas que se encantam com a vastidão do espaço sideral e se emocionam ao ver a imensidão dele; por outro lado, há aquelas que colecionam o carimbo do colofão, algo difícil de encontrar. Eu não conseguia entender.

— Acho que ainda é um pouco impactante demais para a Takako-chan — disse o meu tio por fim e riu alto, caçoando da minha perplexidade.

## §

— Olá! Com licença. — Com uma saudação bem-humorada, Sabu-san entrou na loja.

Ele fechou a porta com um grande estrondo e disse algo enigmático:

— Bem, hoje o dia está bonito. Perfeito para ler a obra de Takii Kôzaku. — Ele então se sentou em uma cadeira disposta em frente ao balcão como se fosse um direito seu.

— Vamos tomar chá? — Meu tio, já acostumado com aquilo, começou a preparar a bebida.

Sabu-san era provavelmente o cliente mais assíduo da livraria Morisaki. No entanto, isso não queria dizer que ele contribuía muito para as vendas da loja. Ele apenas aparecia com mais frequência. Era, por assim dizer, um cliente que nos visitava regularmente. Ele era um homem de boa aparência, atarracado e falante, cuja idade eu não sabia ao certo, mas que estava na casa dos cinquenta anos. Tinha uma bela careca, com exceção das laterais, o que às vezes ele mesmo usava como piada.

— Ei, onde está a Momoko hoje? — perguntou Sabu-san ao meu tio enquanto olhava o interior da loja.

Momoko era muito popular entre os clientes regulares. Ela era uma boa ouvinte, além de muito sincera, o que parecia conquistar o coração deles e mantê-los na loja. Isso levou a um estranho fenômeno na livraria Morisaki: o número de clientes que iam à loja por causa da Momoko aumentou rapidamente. Sabu-san era um deles, totalmente cativado pelas conversas com minha tia.

— Ah, ela está na outra loja.

Quando viu o meu tio apontar com o queixo para a porta com um sorriso discreto, Sabu-san fez uma careta de tédio.

— Poxa, que pena.

Recentemente, Momoko tinha começado a trabalhar à noite em um pequeno restaurante a menos de dez passos da livraria. Uma das cozinheiras se demitira repentinamente, e o dono, que estava em apuros, recorrera à minha tia, boa cozinheira e habilidosa no atendimento aos clientes. Embora eu não soubesse se era mesmo verdade, a loja, segundo a tia Momoko, estava indo de vento em popa, se comparada à situação anterior. Quando perguntei se ela estava bem de saúde depois de um trabalho tão intenso, diferentemente da livraria Morisaki,

ela respondeu: “É lógico que estou bem. Satoru e Takako se preocupam demais.”

— Boa tarde! — Como Sabu-san continuava me ignorando, tomei a iniciativa de cumprimentá-lo para ver a reação dele.

— Ah, Takako-chan, você está aqui...

Mesmo eu já estando em seu campo de visão, ele olhou para mim como se tivesse acabado de me notar. Desde o retorno da Momoko, ele passara a me tratar com indiferença. Antes ele gostava tanto de mim que chegara ao ponto de me pedir para me casar com seu filho, o que havia me deixado um pouco incomodada.

— Hoje eu vim para ajudar.

— Ajudar? Uma jovem perambulando pela cidade em pleno dia de semana. Tem certeza de que você tem mesmo um trabalho?

— Que pergunta mal-educada. Lá no meu trabalho a gente pode tirar folga durante a semana.

Ao ouvir a minha resposta num tom irritado, Sabu-san soltou uma risada alta. Como era possível perceber, ele era uma boa pessoa, mas também tinha seu lado sarcástico. Era conhecido por ali como uma pessoa bem-informada, e ele se orgulhava disso. Quando chegava à loja, a primeira coisa que ele fazia era perguntar ao meu tio sobre os frequentadores habituais da livraria.

— Como o velho Takigawa tem estado ultimamente?

— Faz um tempo que não o vejo por aqui. Antes ele costumava vir uma vez a cada duas semanas.

— Espero que ele não esteja doente ou algo assim.

— Ficaria aliviado se ele voltasse a aparecer.

— E quanto ao professor Kurusu? Ele tem gastado em livros o subsídio para a pesquisa dele, não é esperto?

— Ele apareceu dois dias atrás.

— E aquele cara, o Yamamoto? Estava se gabando de sua biblioteca de cinquenta mil livros, e isso dá inveja. Mas tenho certeza de que era mentira.

Sabu-san vivia falando daquele jeito. E, no fim, a conversa sempre terminava do mesmo jeito:

— Mas todo mundo envelhece. Sem novos clientes, não tem como o negócio prosperar, não é mesmo?

— Ah, concordo plenamente.

Meu tio e ele riram juntos, mas não consegui entender o motivo da graça. Eles sempre repetiam aquele tipo de conversa, e eu me perguntava se não se cansavam daquilo. Havia coisas sobre Sabu-san que nunca fui capaz de entender.

*Quem era mesmo aquele Sabu-san?*

Ele não visitava apenas a livraria Morisaki, mas também vários outros lugares na área de Jinbôchô, fosse dia, fosse noite, de modo que eu o encontrava com frequência em diversos pontos do bairro. Ele sempre parecia não ter o que fazer, e eu nunca o havia visto atarefado. Além disso, ele sempre comprava muitos livros, embora fossem livros baratos. Eu me perguntava onde ele guardava todos aqueles livros, a não ser que morasse num casarão bem espaçoso. O fato de que ele tinha uma bela esposa, muito estilosa quando usava quimono, também era um mistério. Então, naturalmente, uma pergunta surgia: o que Sabu-san fazia para garantir o sustento da família? Quanto mais eu pensava, mais tinha certeza de que ele era a pessoa mais misteriosa entre os frequentadores da livraria!

Na loja, ele não era mais tratado como cliente. Até onde eu sabia, mesmo com todas aquelas perguntas, o meu tio não ficava bravo com ele. Então, interrompi a conversa deles, que já havia iniciado algum tempo atrás enquanto tomavam chá:

— Sabu-san, posso fazer uma pergunta ao senhor?

— Qual é o problema? Você ficou tão formal de repente...

— Com o que o senhor trabalha, Sabu-san? O senhor fala que ando desocupada, mas é o senhor quem mais fica perambulando por aí.

Sabu-san, como se estivesse esperando a minha pergunta, abriu a boca como um detetive de um romance policial e falou, sorrindo:

— Você quer saber? — Falando aquilo, ele se inclinou para a frente e aproximou o rosto do meu. Fiquei extremamente irritada.

— Quero sim, senhor.

Já arrependida de ter começado aquela conversa, assenti em concordância, como ele desejava. Era sempre muito problemático lidar com os clientes daquela forma. Lidar com o Sabu-san significava estar preparado para enfrentar irritações frequentes.

— Você realmente quer saber?

— Bem, não é como se isso fosse mudar minha vida.

— É mesmo? Que triste.

— Está bem, então estou morrendo de vontade de saber. Se o senhor não me contar, talvez eu nem consiga dormir esta noite. Está satisfeito agora?

— Você está falando sério?

— Sim, sim, eu quero saber. O que você faz? — perguntei ao Sabu-san, já chateada com a situação.

Ele, com uma expressão de deleite, aproximou o rosto do meu e sussurrou:

— Não-vou-te-con-tar.

Fiquei boquiaberta, parecendo um peixinho dourado. Diante daquilo, Sabu-san caiu na gargalhada, com as mãos na barriga.

— Ei... Como assim?! — “Mas que sujeito insolente. Está caçoando de mim”, pensei. — O que foi agora?!

— Foi uma resposta perfeita — vangloriou-se Sabu-san.

— Esse cara... Tio, você sabe?

— Bem, se não me engano...

— Satoru, pare! — Sabu-san, afobado, reprimiu o meu tio e sacudiu energicamente a cabeça em negação. — É muito cedo para a Takako-chan!

— Quase que me escapa, perdão.

— O quê? Que história é essa?

— Dizem que quanto mais misterioso, mais atraente o homem fica. Então não vou contar nada a você. Assim você continuará pensando em mim até nos seus sonhos.

— Eu detestaria isso, nem estou mais curiosa. Tanto faz — respondi, indiferente.

— Haha, você é uma mulher teimosa.

— Não, sério, eu não me importo mais. Não vou perguntar novamente —

falei com uma expressão irritada.

— Bem, agora que já provoquei Takako o suficiente por hoje, vou indo.

Sabu-san, depois de tomar o chá inteiro num só gole, saiu da loja soltando um riso estranho.

— Sério, o que foi isso? Aquele cara... — falei, atônita.

Ouvindo o que eu disse, o meu tio concordou comigo:

— Sim, ele é estranho.

Realmente, aquela loja era frequentada por muitos tipos excêntricos.

### 3



— Onde está o Jirô-tula II? — Ao anoitecer, o meu tio de repente começou a fazer um alvoroço. Sua voz alta reverberou pela pequena loja. — Não consigo encontrá-lo em lugar algum desde que voltei de uma entrega.

— Não faço a mínima ideia — respondi rispidamente por ter sido interrompida durante a minha leitura enquanto cuidava da loja sozinha.

Meu tio sempre se comportava assim, além de não ter o menor interesse em saber o que outros estavam fazendo e era bastante desligado.

O tempo que eu passava na livraria Morisaki era sempre agradável, mas existiam momentos em que a paz era interrompida pelo meu tio. Quando eu morava na loja, ele ficava o tempo todo no hospital fazendo tratamento para lombalgia, e, por conta disso, nos víamos muito pouco. Mas agora passávamos a maior parte do tempo juntos na loja. Isso significava que eu tinha de lidar com o meu tio o tempo todo. Era terrível tratá-lo daquele jeito, ainda mais com a loja sendo dele, mas o meu tio era uma pessoa fervorosa até em relação a assuntos insignificantes, criando alvoroços como aquele pelo menos uma vez por dia.

— Ele estava aqui o tempo todo até o momento em que eu saí da loja!

Meu tio me enxotou da cadeira atrás do balcão e começou a procurá-lo desesperadamente por todo o lugar.

— Estou dizendo que não sei! Você deve ter largado por aí.

— Depois da minha vida, o Jirô é a coisa mais importante para mim no momento. Eu não o abandonaria em qualquer lugar.

Ele falava aquelas coisas gritando e, de repente, soltou um “ah!” e correu para o andar de cima. Até do andar de baixo era possível ouvir os barulhos que ele fazia.

— Aquela Momoko!

Instantes depois, o meu tio desceu as escadas com uma almofada marrom nos braços. Nunca conheci alguém, além do meu tio, que fizesse tanto alvoroço por causa de uma única almofada. Ultimamente, parecia que ele desenvolvera fístula perianal além da lombalgia e, por isso, ficar sentado em uma cadeira por longos períodos se tornara “uma tortura” para ele. Ainda mais porque o trabalho no sebo consistia em ficar a maior parte do dia sentado em uma cadeira, esperando clientes. Meu tio estava em apuros, e aquela almofada com um furo no meio, isto é, aquela almofada em forma de rosquinha, fora uma verdadeira salvação para ele. Eu tinha a impressão de que ela aliviava consideravelmente a dor, pois meu tio passara a ter total confiança nela. E, dizendo que não poderia tratá-la sem afeto, como uma almofada qualquer, tinha dado a ela o nome de Jirô-tula II, por usá-la especialmente por causa da fístula perianal. O nome não fora escolhido de brincadeira. Meu tio escolhera seriamente; isso mesmo, seriamente.

— Ufa!

Meu tio colocou Jirô no assento da cadeira e se sentou com movimentos cuidadosos, como numa cena de ação do esquadrão antibombas em um filme. Durante todo aquele tempo, ele não deixou de praguejar murmúrios contra a tia Momoko. Aparentemente, Jirô fora deixado pela Momoko na varanda para secar. Por isso, o meu tio ficou muito chateado com ela, que havia saído para seu trabalho no pequeno restaurante e abandonado Jirô enquanto ele estava fora fazendo uma entrega.

— Ainda bem que você encontrou — falei para o meu tio, que respirava aliviado depois de ter superado a crise.

— Não é fácil quando você fica velho. São muitos os problemas que aparecem com a idade.

— Pare de falar como se você fosse um velho!

— Mas eu sou um homem velho — disse o meu tio, com uma expressão abatida.

— Você ainda está na casa dos quarenta, tio — retruquei, impressionada.

Eu esperava que o meu tio continuasse com bastante energia por muito tempo, não dando o braço a torcer para coisas como uma fístula perianal.

— Você ainda é jovem. A gente chama de velho quem tem mais idade, não? — continuei.

— Mas não há solução para o que eu tenho... Dizem que somente quem sofre de fístula perianal pode entender a dor da fístula perianal — falou o meu tio com tom posudo, como se estivesse revelando uma sabedoria profunda.

Dizem que a fístula perianal é um dos tipos mais dolorosos entre as fístulas, então devia ser difícil. Mas essa frase, vinda do meu tio, me fez rir um pouco.

— Takako-chan, que tal eu providenciar uma almofada para você também?

— Não, obrigada. Não tenho fístula perianal por enquanto — respondi, indiferente, e decidi não dar mais atenção à conversa, pois já estava me cansando de lidar com ele.

Eu não sabia por que ele estava querendo arrumar a almofada para mim, não tinha ideia do que estava por trás daquilo. Será que queria nomear mais uma almofada e chamá-la de “Saburô-tula III”? Meu tio tinha muitas outras daquelas obsessões e fixações estranhas, e cada uma delas era uma dor de cabeça. Por exemplo, aquele homem quarentão insistia para que o curry que se comia em casa fosse o de sabor menos picante da Vermont Curry, uma das marcas da empresa de condimentos mais conhecidas do país. Ficava muito irritado quando Momoko acidentalmente comprava o curry de picância média para ele. Minha tia tinha me dito que aquilo era tão deprimente que ela ficava com “vontade de chutar o traseiro dele com toda a força”, e eu compreendia muito bem o sentimento.

De qualquer forma, Jirô fora encontrado, e agora o meu tio provavelmente ficaria um pouco mais calmo. Fiquei aliviada e tentei voltar ao mundo da história que estava lendo. Mas aquilo durou pouco. Logo em seguida, o meu tio se aproximou de mim, deslizando com a cadeira e, com um sorriso

inocente, voltou a me incomodar insistentemente:

— Ei, Takako-chan.

— ...

— O que você está lendo?

— O que você quer? Me deixa.

Mesmo agindo com grosseria ou indiferença, o meu tio, imperturbável, continuava insistindo:

— Ah, está lendo a obra de Oda Sakunosuke? — Ele bisbilhotou o exemplar de *Meoto Zenzai* que eu tinha pegado e assentiu com um olhar de entendido no assunto. — Você gosta desse livro?

— Gosto, esta é a segunda vez que o leio. Está satisfeito? Estou lendo, não me atrapalhe.

Mas o meu tio não me deu ouvidos e continuou:

— Ele é um daqueles escritores que tiveram uma vida marcada pela tristeza, não é mesmo?

Ele semicerrou os olhos, como se estivesse olhando para algo distante, e continuou a falar em um tom de voz mais profundo:

— Estou vendo que você também gosta de Oda Sakunosuke. Mas provavelmente você ainda não sabe nada sobre a vida desse homem. Ah, mas que lástima...

Quando ele começava a falar assim, era tarde demais. Ficava escancarado que ele estava ansioso para me falar sobre o autor. Provavelmente, ele não iria mais me deixar em paz até que eu tivesse ouvido tudo o que ele queria me contar. Meu tio tinha um conhecimento incomum não apenas sobre as obras como também sobre a vida de seus respectivos autores. Ele adorava ler autobiografias, memórias, biografias e coleções de cartas de seus autores favoritos mais do que comer as três refeições do dia. Isso já não tinha nada a ver com o negócio do sebo, era um verdadeiro hobby do meu tio. Ele adorava livros, incluindo informações como o tipo de vida que o autor levou, como ele viveu, como amou e como deixou este mundo. Isso por si só era certamente maravilhoso. Entretanto, o meu tio adorava contar às pessoas como se ele mesmo tivesse testemunhado. Dessa forma, ele me falava sobre a vida de vários escritores,

como Dazai Osamu, Fukunaga Takehiko e Satô Haruo, entre outros... Informações sobre vários autores. Eu achava interessante saber como fora a vida de escritores que deixaram seus nomes para as gerações posteriores, mas eu também tinha os meus compromissos e ritmos. Às vezes, eu não estava com vontade de ouvir, mas o meu tio nunca se importava com as minhas vontades quando ficava entusiasmado. Seus olhos por trás dos óculos se iluminavam, e ele passava a falar até ficar plenamente satisfeito.

Suspirei deliberadamente alto (embora de nada tivesse adiantado), então desisti de ler e fechei o livro. Meu tempo de leitura estava perdido. Eu não tinha escolha. Já que era assim, resolvi escutá-lo.

— Sakunosuke levou uma vida triste?

— Sim, parece que foi esse o destino que ele carregou.

— Pelo estilo dele, tenho a impressão de que foi assim mesmo.

— Muitas de suas obras são baseadas em experiências reais.

Meu tio ficou satisfeitíssimo com o meu interesse pela história e assentiu profundamente. Então começou a falar com entusiasmo sobre a vida de Oda Sakunosuke. De acordo com ele, a vida de Sakunosuke havia sido de fato repleta de dificuldades: ele contraíra tuberculose quando era estudante e também abandonara a universidade por causa de uma série de acontecimentos infelizes, se apaixonara perdidamente por uma mulher chamada Kazue, que trabalhava em uma *kissaten* — uma cafeteria tipicamente japonesa —, casara-se com ela e decidira se tornar escritor. Porém, demorara a ser reconhecido e passara um longo período na pobreza, cada vez mais frustrado. Mais tarde, graças à sua dedicação, ele finalmente fora reconhecido por seus romances *Zokushû* e *Meoto Zenzai*, finalmente iniciando uma carreira literária. Alguns anos depois, no entanto, sua amada esposa adoecera e falecera... Sua vida fora muito dramática, como a de um protagonista de um drama de TV, cheia de altos e baixos.

— Dizem que Sakunosuke desatou a chorar quando Kazue morreu, sem se importar com as pessoas em volta. Para ele, Kazue foi a primeira pessoa em sua vida a quem ele amou de verdade, e que também deu amor a ele. Perdendo o seu apoio emocional, a vida de Sakunosuke se tornou um completo desastre e

sua tuberculose foi se agravando. Ele provavelmente já previa a morte da esposa. Disse a Kazue, quando ela estava deitada em seu leito de morte, chorando, que se encontrariam em breve. E passou o restante de seu tempo se embriagando, tomando café e buscando consolo nas mulheres. Escrevia romances mesmo cuspiendo sangue — continuou a falar o meu tio sem hesitar, como se realmente tivesse memorizado tudo.

Naquele momento, percebi que essa era uma habilidade especial do meu tio. Àquela altura, eu já estava completamente envolvida na conversa e ouvia o que ele dizia com atenção.

— Nos últimos anos, quando já estava mental e fisicamente esgotado, ele passou a usar metanfetamina para escrever seus romances. A doença havia progredido, e seu corpo estava destruído, a ponto de não conseguir mais segurar uma caneta sem ela.

— Metanfetamina... É um alucinógeno, certo?

— Exato. Hoje em dia é impensável, mas naquela época era fácil conseguir nas farmácias. Ouvi dizer que ele tomava e ficava acordado por dias escrevendo romances.

— Uau... — Aquilo era realmente inimaginável nos dias de hoje. Mesmo que a época e a circunstância tivessem sido diferentes, ainda assim não deixava de ser uma história trágica.

— Mas não era só o Oda Sakunosuke. Havia muitos escritores que usavam metanfetamina regularmente. Sakaguchi Ango também era famoso por ser *Ponchu*.

— *Ponchu*?

— É uma palavra que soa um pouco engraçada, mas significa...

— Sim, um dependente de metanfetamina.

Soltei novamente um “Uau”.

— Uma lástima. — Meu tio balançou a cabeça para os lados, lamentando tudo aquilo. — Mas no coração de Sakunosuke sempre havia a presença de sua esposa, Kazue. Em uma de suas obras-primas, o conto “Kyôba”, o protagonista, um homem desesperado cuja esposa faleceu, gasta todo o dinheiro da empresa e aposta insanamente, da manhã à noite, no cavalo de corrida “número um”. A

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma noite na livraria Morisaki" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).